

## A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO FEMININO EM “O DIÁRIO DE MISTRESS JOAN MARTYN”, DE VIRGINIA WOOLF

LILIAN GREICE DOS SANTOS ORTIZ DA SILVEIRA<sup>1</sup>; ARIANE ÁVILA NETO DE FARIAS; MAIRIM LINCK PIVA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal do Rio Grande – ortiz.greice@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande – arianenetof@gmail.com*

*Universidade Federal do Rio Grande – mairimpiva@furg.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade ainda enraizada em sistema social patriarcal à figura feminina restava o cumprimento dos papéis pré-determinados a ela como sujeito dominado. O homem sendo o responsável pelo sustento da casa e o detentor de um poder inquestionável, coube à mulher, desde cedo preparada para as obrigações domésticas, o dever materno e o espaço privado de atenção desejos do homem (marido, pai e filhos).

Sabe-se que, baseada em uma ideologia de dominância masculina, a cultura ocidental não oferece autonomia social à figura feminina. Assim, à mulher restava o papel secundário no desenvolvimento da sociedade. Sua voz era silenciada pelas decisões masculinas. A figura feminina assumiu, então, o lugar do “outro”, daquele sujeito que é tudo o que o homem não era, evidenciando o caráter negativo e inferior da mulher.

É apenas na segunda metade do século XX que a mulher toma o seu espaço de “sujeito intermitente”, conceito trazido por Inês Signorini em seu livro Lingua(gem) e Identidade (2006). Esta é agora, habitada pelo desejo e razão, ambos incompletos e em um constante processo de reconstrução. Desta forma, percebe-se que a mulher pode ser mais do que esposa e mãe, ocupando o seu espaço na sociedade. Esta não é mais dona de uma identidade e características únicas. O sujeito feminino percebe a construção de sua identidade como indivíduo, fugindo de qualquer estereótipo feminino desejado pela cultura Ocidental do século XIX e início do século XX, reconhecendo sua heterogeneidade como sujeito. A aura angelical feminina trazida pelo Romantismo é agora desconstruída e substituída por um corpo como lugar de diferentes sentimentos e confrontos.

Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto de Virgínia Woolf, “O diário de mistress Joan Martyn” (2013). Pretende-se refletir sobre a representação do sujeito feminino na obra de Woolf, o processo de construção da subjetividade da personagem, Rosamond, apresentadas no conto.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, em que estudamos a referida obra de Virginia Woolf, tomando como ponto de partida um aporte teórico que percebe a subjetividade feminina a partir de sua multiplicidade. Ao entendermos o conto “O diário de mistress Joan Martyn”, como um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental, teóricas como Arleen Dallery, Susana Funck, Inês Signorini e Simone de Beauvoir se fazem importante em um processo de reflexão acerca de um

feminino distante daquele criado por uma sociedade patriarcal, e que percebe em seu o corpo a situação e o instrumento para a sua liberdade, não mais como uma essência definidora e limitadora de sua identidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como uma infinita fonte de representação da vida e da sociedade, é na literatura que os seres humanos encontram o melhor caminho para a imputação de sentido à vida e a si mesmo. Desta maneira, a literatura de autoria feminina faz-se uma valiosa fonte na pretensão de uma aproximação possível da maneira como se dá/deu a construção das subjetividades femininas. Tal escrita converte-se em um meio de interpretação das sensibilidades femininas e das manifestações das exterioridades públicas e privadas da mulher no decorrer da história. Interpretada por si mesma, a figura feminina é assim, reflexo do mundo que a cerca e de suas experiências.

“Experiência é o processo pelo qual, para todos os seres sociais a subjetividade é constituída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social, e assim, percebe e comprehende como subjetivas (que se originam no indivíduo e se referem a ele próprio) aquelas relações – materiais, econômicas e interpessoais – que são, de fato, sociais, e, numa perspectiva maior históricas.(LAURETIS, 1984, p. 159)

Os indivíduos estão sempre se definindo diante de uma realidade pela historicidade das relações sociais. Estes são definidos diante de uma realidade construída pelo olhar do outro, pela historicidade das relações sociais, percebendo-se a qualidade interpretativa desta diante de uma análise social. O sujeito participa da construção de uma realidade percebida, representada e interpretada por seus atores – que está de certa forma presente quando se nasce e, portanto constrói este em sua subjetividade. Por construção da subjetividade ou modos de subjetivação, adota-se aqui o conceito trazido por Foucault em seu livro *Ética, Sexualidade, Política*, onde esta é vista “como o processo pelo qual nós obtemos a construção de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade de que nada mais é que uma das possibilidades dadas de uma organização de uma consciência de si” (Foucault, 2001, p.106). A experiência não é, portanto, algo autoevidente ou definido, é antes uma interpretação a ser interpretada na análise social.

Se por um tempo a crença em uma relação direta entre pensamento, linguagem e o mundo perdurou trazendo noções de evidência à experiência, hoje se sabe que o sentido sempre pode ser outro e o sujeito não tem o controle daquilo que está dizendo, desaparecendo então, as relações entre os três conceitos já citados. A língua é diretamente afetada pela história. Se as diferentes identidades são perpassadas pela língua e outros elementos, essa está intimamente ligada ao social, sendo então, variável.

Novas identidades surgem desmistificando o indivíduo unificado, coerente, centrado e fixo que marcava as relações de poder, refletindo e reificando as práticas de um grupo formado por homens brancos ocidentais e heterossexuais. Deste modo, as questões concernentes à subjetividade e identidade são importantes na modificação das relações hierárquicas e de poder, sendo a figura feminina a maior privilegiada, já que durante um longo período sua identidade de gênero era fixa e fixada a partir de seu corpo biológico. O destaque dado ao sexo como a essência da representação do ser mais é do que uma ficção reguladora,

que rejeita as diferentes formas de existência e aprisiona as identidades em um sistema binário (masculino/feminino), sistema este que institui hierarquias e relações assimétricas de poder.

O conto de Woolf, “O diário de mistress Joan Martyn” (2013), faz-se importante fonte se pensar acerca da construção da figura feminina pela/na literatura. A personagem de Woolf marca a necessidade de se ver um feminino agente de sua própria história. Uma nova história que caminha em direção da libertação de um discurso masculino.

O conto é narrado em primeira pessoa pela narradora-personagem Rosamond Merridew, a primeira figura feminina apresentada por Woolf. Mrs. Merridew é uma mulher apaixonada pelos livros e com grande sede de conhecimento, fatos que a levam a quebrar com os primeiros padrões destinados ao sujeito feminino de sua época. Rosamond aparenta entender o quanto “não ter filhos e marido” representa para uma mulher de sua época, fugir das obrigações de “anjo do lar” é um peso muito grande para o sujeito feminino do século XX. Assim, enquanto suas iguais ocupavam lugares privados e eram comandadas pelos homens, detentores do verdadeiro poder familiar, a caixearo-viajante, assim por ela mesma descrita, ia à busca das mais diferentes histórias, das mais diferentes experiências. Experiências estas, que representam uma parcela importante em sua construção como indivíduo. Ela não parece temer as consequências de ser uma mulher que fugia ao que era reservado ao seu sexo e não hesitava em fugir a tais padrões, a beleza, para ela, estava em escrever, em ensinar, em apresentar ao próximo tudo o que aprendera.

Woolf apresenta em seu trabalho uma mulher composta em seu movimento, em suas experiências no tempo e espaço. Rasmond, em sua movimentação sinaliza a subjetividade humana fragmentada, multifacetada e como resultado de escolhas, ações e reações no presente e no passado. Ela é o resultado da complexa composição do sujeito. Tem-se na obra aqui analisada, um indivíduo constituído por sua língua, desejos e outros elementos, bem distante do conceito de homogeneidade.

A partir de uma perspectiva em que a subjetividade é, assim, reconsiderada em um tempo de grandes transformações e desafios políticos, econômicos e tecnológicos. Tais modificações acarretam em um sujeito em fluxo e em progresso, mutante, “uma composição metamórfica de fragmentos heterogêneos e desarticulados” (DALLERY, 1997, p. 54). Surge um frágil indivíduo, constituído por razão e corpo; inteligência e ainda experiência, fatores fundamentais para se pensar um feminino múltiplo.

#### 4. CONCLUSÕES

É em seu movimento que a figura feminina de diferentes classes sociais e sexualidades constrói sua subjetividade, desconstruindo, gradualmente, os padrões mantidos por anos como modelos a serem seguidos. Observa-se a emergência de um “eu” multifacetado, espaço também de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental.

A subjetividade é, assim, reconsiderada em um tempo de grandes transformações e desafios políticos, econômicos e tecnológicos. Tais modificações acarretam em um sujeito em fluxo e em progresso, mutante. Surge um frágil indivíduo, constituído por razão e corpo; inteligência e ainda experiência.

A partir da análise proposta, percebeu-se as figuras femininas no conto de Woolf, de alguma forma, escapam estereótipos correntes sobre o feminino, refletindo uma transformação das configurações sociais que apagam a

multiplicidade das formas de existir e estar do feminino no mundo. Dessa forma, Woolf, em seu trabalho, sinaliza as evoluções no entendimento do sujeito feminino em toda a sua multiplicidade

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, volume 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DALLERY, Arleen B. **A política da escrita do corpo: écriture feminine**. In: JAGGAR, Alison.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 62-78.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.
- FUNCK, Susana Bornéo. **The Impact of Gender on Genre: Feminist Literary Utopias in 1970s**. Monografia (Pós-Graduação em Inglês) – UFSC, Florianópolis, 1998.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLAND, B.H. *Tendências e Impasses: o feminismo como a crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e Identidade**. São Paulo: Mercado das Letras Edições e Livraria Ltda, 2006.
- WOOLF, Virginia. “O diário de mistress Joan Martyn”. In: **V. Woolf: contos completos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 234-250